

LA VITA MISTA: BLENDING SPIRITUAL AND SECULAR LIVING IN EARLY MODERN ITALIAN LAY CONSERVATORIES FOR WOMEN

Jennifer Haraguchi (Assistant Professor of Italian, Brigham Young University)

Although lost to modern scholars, three resolute educators – Lucia Perotti (1568-1641), Rosa Venerini (1656-1728), and Lucia Filippini (1672-1732) – were influential leaders in their day who pushed the boundaries of expectations regarding the education of women in convents by founding alternative, hybrid, spiritual/secular institutions in Cremona, Rome, and provincial areas of the Lazio region. Sanctioned by the Church as “congregations,” these lay conservatories offered women simple vows in a modified form of enclosure with more freedom than was allowed in the convent; they also provided the option of a career for women as teachers, outside the traditional roles of nun, tertiary, wife, mother. Drawing on previously unexamined documents of archives in Cremona, Rome, Viterbo, and Montefiascone, this paper highlights details of these innovative schools and the societal apprehensions they caused, and points to administrative issues that illustrate greater tensions within the post-Tridentine Church at large regarding the Molinist influence on the practice of meditation and self-mortification.

Key words: Early Modern Italy, Female spirituality, Women’s education, Collegio femminile, Lay conservatories

Jennifer Haraguchi Assistant Professor of Italian at Brigham Young University (Ph.D. from the University of Chicago). Research emphasis on religious communities for women in seventeenth- and eighteenth-century Italy, female spirituality and authorship, women’s education. Published articles in *The Sixteenth Century Journal*, *I Tatti Studies in the Italian Renaissance*, *Early Modern Women: An Interdisciplinary Journal*. Working on a critical edition and English translation of spiritual comedies of the seventeenth-century Florentine writer and educator, Eleonora Ramirez di Montalvo, for *The Other Voice in Early Modern Europe*.

“FUMOS” DE SANTIDADE?! O TABACO NO QUOTIDIANO MONÁSTICO FEMININO

João de Figueiroa-Rego (CHAM-FCSH/UNL)

A questão do monopólio ibérico do tabaco, por parte das coroas de Portugal e Castela, desde a sua implementação em meados do século XVI, gerou leituras historiográficas muito diversas, da fiscalidade ao consumo, passando pelo seu papel no contexto do tráfico escravagista.

Menos conhecido, é o tópico da presença do tabaco no quotidiano monástico, sobretudo feminino, quer no âmbito da produção e consumo, como na desobediência a normativas emanadas dos centros políticos e autoridades eclesiásticas.

Pretende-se abordar essa lacuna, com base em fontes diversas, de fundos documentais a levantamentos arqueológicos, probatórios de uma realidade que pode configurar hábitos culturais geralmente pouco associados à religiosidade conventual.

Palavras-chave: quotidiano monástico feminino, tabaco, contrabando, insubmissão, idade moderna.

João de Figueiroa-Rego. Doutor em História Moderna, investigador integrado do CHAM da FCSH/UNL, de que é subdirector, além de docente no mestrado de História da Expansão e coordenador dos ANAIS de História de Além-mar e do Seminário permanente de história do tabaco. Tem participado em diversos projectos internacionais e é autor de várias publicações dispersas por livros e revistas científicas.

AS BEATAS DA ROMARIA DE NOSSA SENHORA DIVINA PASTORA, EM SERGIPE, BRASIL: OS EX-VOTOS E OS SEUS MARAVILHOSOS ESCRITOS

Jonatas Silva Meneses (Universidade Federal de Sergipe)

Os religiosos e religiosas católicos não estão restritos exclusivamente ao universo institucional da estrutura eclesial na Igreja Católica Apostólica Romana. Parte importante dos fiéis exerce ativismo religioso, sobretudo do universo feminino, mesmo que nem sempre apareçam nas estatísticas oficiais, mas que têm papel extraordinário nos rituais da religião. As romarias, ou peregrinações, fazem parte desse universo católico de afirmação da fé. No Brasil, as romarias remontam o século XVIII e foram trazidas pelos portugueses, se estendendo pelo território nacional, ganhando destaque na religiosidade católica popular. Várias dessas peregrinações se destacam ainda hoje: Nossa Senhora Aparecida, na Cidade de Aparecida, no Estado de São Paulo, considerada a capital da religiosidade popular no Brasil; Padre Cícero Romão Batista, na cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará, para onde acorrem mais de dois milhões de fiéis a cada ano; Bom Jesus da Lapa, na cidade com o mesmo nome, na Bahia, onde milhares de fiéis reforçam a fé por meio da confirmação de milagres ou de novos pedidos a cada ano; outra, dentre tantas peregrinações pelo Brasil, que mereceu, neste texto, o meu destaque, foi a romaria de Nossa Senhora Divina Pastora, na Cidade de Divina Pastora, no Estado de Sergipe. Nessa romaria, em específico, há a participação predominante de mulheres, que repetem os passos durante anos. Na igreja, depositam os ex-votos, objetos da mais variada espécie e neles, quase sempre, escrevem pedidos e agradecimentos. Essas mulheres, que repetem as caminhadas e a entrega dos ex-votos, as designei de beatas, no sentido de religiosas que se dedicam com fervor e dedicação a um culto popular. Neste texto, analisei um grupo de mulheres, recorrentes na frequência a essa Romaria. Mas, sobretudo, analisei os seus escritos ao longo dos muitos anos. Esses escritos apresentam diversidade de características: singelos, ao retratar pedidos e agradecimentos, com a humildade característica desses interlocutores com a Santa; e de maior complexidade, ao, além de retratar os pedidos e agradecimentos, se aventurarem na empreitada mais literária, sem, contudo, abdicar do fundamental, que é a fé religiosa católica e popular.

Palavras-chave: Beatas; Romaria; Peregrinação; Ex-votos.

Jonatas Silva Meneses Professor Titular aposentado da Universidade Federal de Sergipe.
Doutor em Antropologia